

ENSINAR NA AMAZÔNIA: DIREITOS HUMANOS, DIVERSIDADE E RESISTÊNCIA DOCENTE

TEACHING IN THE AMAZON: HUMAN RIGHTS, DIVERSITY AND TEACHER RESISTANCE

Ewerton Ferreira Dias ¹
José Damião Trindade Rocha ²

Resumo: Este relato de experiência analisa, sob a perspectiva do materialismo histórico-dialético, a prática docente de um professor gay, negro e nortista atuante na educação pública da região amazônica, especialmente no interior do Pará e do Tocantins. O trabalho tem como objetivo refletir sobre práticas pedagógicas que afirmam os direitos humanos, a diversidade e a justiça social, enfrentando normatividades de gênero, raça e classe. A metodologia parte da vivência concreta do autor, articulando a análise crítica com base em referenciais teóricos de autores como Marx e Engels (2010), Freire (2024), Saviani (2008) e Lima e Colares (2021). A discussão evidencia que a docência, quando crítica e libertadora, torna-se prática de resistência e emancipação. Conclui-se que o espaço escolar pode promover inclusão, consciência crítica e transformação social, mesmo em contextos historicamente marcados pela exclusão.

Palavras-chave: Educação. Diversidade. Direitos humanos. Resistência. Amazônia.

Abstract: This experiential account analyzes, from the perspective of historical-materialist dialectics, the teaching practice of a gay, Black, and northern Brazilian educator working in public education in the Amazon region, particularly in the interior of Pará and Tocantins. The aim of the work is to reflect on pedagogical practices that affirm human rights, diversity, and social justice, confronting gender, race, and class norms. The methodology is based on the author's concrete experience, combining critical analysis with theoretical frameworks from Marx and Engels (2010), Freire (2024), Saviani (2008), and Lima and Colares (2021). The discussion reveals that teaching, when critical and liberating, becomes a practice of resistance and emancipation. The conclusion is that the school space can promote inclusion, critical consciousness, and social transformation, even in contexts historically marked by exclusion.

Keywords: Education. Diversity. Human rights. Resistance. Amazon.

¹ Mestrando em Educação no Programa de Pós-graduação Profissional em Educação – PPPGE/UFT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4284114125047067>. E-mail: ewerton.dias@mail.uft.edu.br.

² Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal do Tocantins, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9799856875780031>. E-mail: damiao@uft.edu.br.

Introdução

Ser professor na Amazônia, especialmente às margens sociais e econômicas do interior do Pará e do Tocantins, é assumir um compromisso cotidiano com a resistência. Quando essa docência é exercida por um sujeito gay, negro, periférico e nortista, o ato de ensinar torna-se ainda mais carregado de contradições, enfrentamentos e potência transformadora. Este relato de experiência parte da minha vivência enquanto educador da rede pública de ensino e reflete sobre estratégias pedagógicas construídas em contextos de exclusão, preconceito e disputa por reconhecimento, revelando como o trabalho docente pode se afirmar como prática de emancipação social. Mais do que narrar uma trajetória pessoal, proponho aqui uma análise crítica das relações entre identidade, diversidade sexual e de gênero, direitos humanos, desigualdade e resistência no espaço escolar.

O problema que norteia esta reflexão é: Como professores gays, inseridos em contextos periféricos da região amazônica, constroem práticas pedagógicas que resistem às violências históricas e materiais impostas pelas normatividades de gênero, raça e classe? A investigação tem como base o materialismo histórico-dialético, método que permite compreender a prática educativa como expressão das contradições sociais mais amplas que estruturam o cotidiano escolar. A escolha teórica justifica-se em decorrência da necessidade de situar as experiências docentes dentro de uma totalidade histórica e concreta, articulando as dimensões subjetivas da docência com os processos estruturais de opressão e resistência. Dialogo, assim, com autores como Marx e Engels (2010), Paulo Freire (2024), Saviani (2008) e Lima e Colares (2021), cujas obras contribuem para pensar a educação como instrumento de luta e transformação. Justifica-se este trabalho pela urgência de visibilizar as experiências docentes de sujeitos que, historicamente marginalizados, insistem em afirmar sua presença e agência no interior da escola pública. Ao partilhar práticas pedagógicas que promovem a inclusão, o pensamento crítico e o respeito à diversidade, este relato contribui para o fortalecimento de uma educação comprometida com os direitos humanos e com a justiça social. Mais do que resistir, ensinar, nessas condições, torna-se uma forma de esperança ativa, em suma, uma pedagogia das margens que ousa imaginar e construir outros futuros possíveis para a educação amazônica.

Contextualização da experiência e o método científico

Minha trajetória educacional e profissional é marcada por opressões e resistências que atravessam minha existência como homem gay, negro, periférico e nortista. Natural de Capanema, no estado Pará, interior da região Norte e Amazônica, trago como herança afetiva e política as lutas do meu avô materno, que, nos anos 1970, fugiu do sertão cearense após sofrer ameaças de morte por defender o direito à água. Essa vivência ancestral não apenas alimentou meu senso de justiça social, mas também estruturou a forma como compreendo a educação enquanto prática de transformação e emancipação.

Meu compromisso pedagógico é, portanto, tecido por memórias de resistência e pela busca de um fazer docente comprometido com os direitos humanos.

Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), atuei como professor da rede pública de ensino no município de Cumaru do Norte (PA), entre os anos de 2018 a 2024 e, posteriormente, passei a atuar no estado do Tocantins. Nesses contextos, desenvolvi práticas pedagógicas voltadas à inclusão e à equidade, enfrentando desafios concretos relacionados à minha orientação sexual e identidade de gênero. O preconceito institucionalizado manifestou-se de forma explícita em diversas situações: fui silenciado em reuniões pedagógicas, desautorizado por colegas e, inclusive, transferido de turma após muita pressão da parte de pais que rejeitavam um professor assumidamente gay discutindo temas como diversidade de gênero e sexualidade. Apesar disso, mantive o compromisso de fomentar um espaço escolar plural e acolhedor, ancorado em princípios da educação como prática da liberdade, conforme propõe Paulo Freire (2024).

Para refletir criticamente sobre essa trajetória, adoto como método de análise o materialismo histórico-dialético neste trabalho, por compreender que as contradições vividas no ambiente escolar não são apenas individuais ou circunstanciais, mas produto das estruturas

sociais, econômicas, culturais e políticas que moldam a realidade. Esse método possibilita apreender a totalidade da experiência educacional, considerando a historicidade dos sujeitos, os conflitos de classe, gênero e sexualidade, assim como a dinâmica das relações de poder que perpassam a escola. Como apontam Marx e Engels (2010), “a história de todas as sociedades até agora existentes é a história da luta de classes”, o que nos permite compreender as relações de poder como uma constante disputa entre diferentes interesses dentro da sociedade.

Em outras palavras, o materialismo histórico-dialético permite-me apreender de que modo minha condição de professor gay, negro e periférico é atravessada por múltiplas determinações sociais que configuram o espaço escolar como campo de disputas simbólicas e materiais. Saviani (2008) destaca que a educação deve ser entendida como parte de um processo de reprodução das condições sociais, mas também como espaço de resistência e transformação quando se adota uma perspectiva crítica e dialética.

As práticas pedagógicas que desenvolvi ao longo dessa jornada foram sustentadas por escolhas intencionais e fundamentadas. Utilizei técnicas como rodas de conversa, projetos interdisciplinares e debates críticos, priorizando metodologias ativas e dialógicas que permitissem aos estudantes se reconhecerem enquanto sujeitos históricos. Essas escolhas não são neutras: refletem uma postura ética e política frente à realidade escolar e têm como objetivo estimular a consciência crítica dos alunos na perspectiva de fomentar o diálogo com suas vivências concretas.

A experiência relatada também permitiu-me interagir com outras áreas do conhecimento, como os estudos culturais, os direitos humanos, a sociologia da educação e os debates contemporâneos sobre gênero e sexualidade. Essa interlocução ampliou minha compreensão sobre os processos educativos e reafirmou a importância de uma abordagem interdisciplinar, crítica e emancipadora na formação de sujeitos capazes de transformar suas realidades. Atualmente, sou mestrando em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), sob orientação do professor Dr. Damião Rocha, e desenvolvo uma pesquisa que parte dessas vivências, a fim de investigar de que modo professores gays constroem práticas pedagógicas que resistem às normatividades e às exclusões dentro do espaço escolar. Essa caminhada acadêmica é, ao mesmo tempo, um desdobramento das experiências anteriores e uma reafirmação de que ensinar, na Amazônia, é, antes de tudo, um ato de resistência e esperança.

Descrição da experiência

Esta seção encontra-se dividida em três partes: A prática pedagógica como resistência, Enfrentamentos e superações e Impactos percebidos.

A prática pedagógica como resistência

Minha trajetória educacional e profissional é atravessada por múltiplas formas de opressão e resistência, que se entrelaçam à minha vivência enquanto homem gay, negro, periférico e nortista. Nascido em Capanema, no Pará — território situado no coração da região Norte e Amazônica — carrego como herança afetiva e política as marcas da luta do meu avô materno, um sertanejo cearense que, nos anos 1970, foi forçado a abandonar sua terra natal após sofrer perseguições por defender o direito coletivo à água. Essa memória ancestral de enfrentamento e coragem moldou minha percepção de mundo e se tornou alicerce do meu compromisso com uma educação engajada, comprometida com a justiça social, com a equidade e com a efetivação dos direitos humanos nas múltiplas realidades da Amazônia.

Sou licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) e, atualmente, sou mestrando em Educação na Universidade Federal do Tocantins (UFT), sob orientação do professor Dr. Damião Rocha. Desde minha formação inicial, compreendo que ensinar é, acima de tudo, um ato político. A prática pedagógica, em meu percurso, constitui-se como ferramenta de resistência frente às exclusões e violências simbólicas e materiais impostas por uma sociedade estruturada na desigualdade.

Em sala de aula, atuo com base nos princípios da educação libertadora, inspirada em Paulo

Freire (2024), que defende a construção de uma consciência crítica e transformadora por parte dos educandos. Como educador que rompe com padrões heteronormativos e hegemônicos, direciono meu olhar especialmente para estudantes que, como eu, carregam marcas de exclusão, buscando construir um espaço escolar mais acolhedor, plural e emancipador.

Enfrentamentos e superações

Minha atuação docente em municípios do sul do Pará e do Tocantins foi permeada por episódios de preconceito e discriminação. Fui silenciado em reuniões pedagógicas por defender pautas ligadas à diversidade sexual e aos direitos humanos. Em uma escola, em decorrência de pressão exercida por parte de pais que não aceitavam um professor assumidamente gay, fui transferido de turma.

Apesar dessas violências, sigo enfrentando os desafios de trabalhar temas considerados “sensíveis” no currículo, como identidade de gênero e sexualidade. Mesmo em contextos hostis, insisto em trazer essas questões para o cotidiano escolar, incorporando-as de forma crítica ao currículo oculto e propondo atividades como rodas de conversa, debates sobre cidadania e projetos interdisciplinares voltados à valorização das identidades plurais. Com isso, busco construir práticas pedagógicas que, além de educar, emancipem e acolham a diversidade dos sujeitos amazônidas.

Impactos percebidos

Apesar das resistências, percebo transformações significativas no ambiente escolar. Estudantes passam a questionar práticas discriminatórias, a refletir sobre suas realidades e a se reconhecer como sujeitos de direitos. Colegas professores, antes indiferentes, iniciam processos de reflexão sobre a importância da inclusão e do respeito às diferenças.

Essas ações alinham-se diretamente aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente aos Direitos Humanos e à Diversidade, que visam garantir uma educação inclusiva e de qualidade, propondo a redução das desigualdades, inclusive no que se refere à orientação sexual e identidade de gênero. Ensinar, portanto, torna-se um ato de resistência e esperança, especialmente na Amazônia, onde as estruturas de exclusão ainda são profundamente enraizadas.

Análise crítica e diálogo teórico: por que ensino como ensino?

Ao começar a responder à pergunta inicial do título (seção do relato de experiência), por sua vez tão contraditória acerca de correntes teóricas que perpassam a prática pedagógica e não necessariamente se limitam ao espaço escolar conflituoso da região amazônica, posto que delineiam na educação básica paraense lutas históricas e sociais mais amplas, uso as contribuições de Lima e Colares (2021), que consideram que se deve pensar a educação com base na realidade local do sujeito histórico. De modo geral, minhas práticas educacionais decorrem de lutas latentes ao longo do meu percurso educacional.

Além disso, cito os referidos autores para refletir especificamente sobre o espaço educacional paraense, que, ao que percebo inicialmente, não acompanhou as construções históricas de desenvolvimento econômico, logo, não alcançou melhorias nos indicadores de qualidade da educação e de vida das populações periféricas nortistas. Ademais, evidencio a materialidade espacial vivida por mim acerca de contradições ultrapassadas, mas ainda muito presentes no espaço escolar ao discorrer sobre relações de poder e interesses políticos que provocam o cerceamento do ser consciente e transformado pela dialética das aprendizagens e das ascensões de classes, um homem gay e crítico da sua realidade massivamente confrontado a continuar oprimido.

Certamente, homens gays e desprovidos de recursos financeiros como eu tendem a construir sua carreira profissional silenciando suas dores e conflitos internos, entretanto, aos poucos, passa a materializá-los, por isso o questionamento: Por que ensino como ensino? É, eu diria, por conta da opressão que sofri nos espaços escolares, seja como aluno, seja como educador. Obviamente,

com proporções diferentes dentro de cada contexto. Conforme Freire (2024a) expressa sobre os opressores e suas práticas, ter não custa nada, desde que tire do outro (oprimido) seus direitos.

Comumente, o acesso à educação libertadora e aos serviços públicos são arruinados por uma lógica que não os consideram (oprimidos) como pesquisadores, profissionais, estudantes, em suma, como seres reflexivos e pessoas de direito, por isso, sem dúvida, trabalhar com Freire (2024c) nos permite refletir sobre a necessidade de formar pessoas autônomas e conscientes de suas práticas e direitos, como também cientes da importância de acessar uma educação emancipadora e ancorada na realidade, no caso, de homens e mulheres divergentes da heteronormatividade, que buscam aval social para aprender e ensinar com base na exclusão das minorias vigente nas sociedades capitalistas.

Portanto, para mim, escolher autores como Lima e Colares (2021) e Freire (2024a; 2024b) significa partir das particularidades e singularidades dos sujeitos que vivenciam o espaço escolar na Amazônia, seja com base no critério socioeconômico, seja com base no sentido histórico, considerando a capacidade criativa de educadores e educandos na superação das desigualdades e do autoritarismo firmados ao homossexual. Práticas de liberdade e conscientização do sujeito são mais que um dever para mim, tornam-se demandas pautadas em minha consciência crítica e desejo de superação das desigualdades e, quiçá, da promoção da liberdade dos oprimidos.

Por fim, reforço que é, muitas vezes, contraditório ter práticas libertadoras e, ao mesmo tempo, entrelaçar-se com atitudes opressoras vigentes nos sistemas de ensino, especialmente por estarmos vinculados a um sistema político e econômico que nos leva a aprender a ensinar no contexto dos modos de produção, porém, mesmo assim, ensino como ensino para ter sujeitos conscientes de seu papel transformador e luto para que todos os educandos tenham as mesmas oportunidades na educação pública. Por mais que eventualmente alguns demonstrem resistência em estudar, desistir deles é um erro e/ou um preço que não posso pagar.

Considerações finais

A experiência relatada reafirma que o fazer docente, quando ancorado em uma perspectiva crítica e libertadora, é capaz de transformar não apenas os sujeitos envolvidos no processo educacional, mas também as estruturas históricas e materiais que moldam a escola. Ensinar, na Amazônia, enquanto homem gay, negro e periférico, exige enfrentar múltiplas formas de opressão, mas também revela potências criativas e pedagógicas que emergem da resistência cotidiana. Os objetivos aqui propostos — refletir sobre a prática pedagógica como resistência, articular teoria e experiência e visibilizar trajetórias docentes marginalizadas — foram plenamente atendidos, pois permitiram evidenciar como a docência pode ser um espaço de construção coletiva de dignidade e emancipação.

A contribuição dessa vivência para a formação acadêmica e profissional se expressa na consolidação de uma identidade docente crítica, ética e comprometida com a transformação social. A atuação em comunidades escolares amazônicas não apenas fortaleceu meu compromisso com os direitos humanos e com a justiça social, mas também impulsionou práticas pedagógicas voltadas à inclusão, à valorização das diversidades e ao estímulo à consciência crítica dos educandos. Para além do desenvolvimento individual, os impactos se estendem ao contexto local, ao promover reflexões sobre cidadania, equidade e resistência nas escolas públicas do interior do Pará e do Tocantins — territórios muitas vezes esquecidos nas políticas educacionais, mas ricos em possibilidades de transformação a partir do chão da escola.

Referência

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 89ª ed. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024a.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 57ª ed. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 78ª ed. — Rio de

Janeiro: Paz e Terra, 2024c.

LIMA, Glaucilene Sebastiana Nogueira; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa. A pesquisa em educação na Amazônia: desdobramentos da pós-graduação. **Revista Cocar**, Belém, v. 15, n. 32, p. 1-16, 2021.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiros Escritos**. Campinas: Autores Associados, 2008.

Recebido em 15 de setembro de 2024
Aceito em 10 de novembro de 2025